

CRISTÃO ANÔNIMO: UMA ANÁLISE DA AÇÃO SALVÍFICA DE DEUS NO MUNDO REPLETO DE RELIGIÕES E CULTURAS DIFERENTES À LUZ DA TEOLOGIA DE KARL RAHNER

Mussá Maria Cossa*
Mercio José Cauduro**

Resumo: A questão da salvação de não cristãos tornou-se para a teologia do século XX, um dos aspectos mais polêmicos que envolveu vários teólogos, dentre os quais Karl Rahner ocupa uma posição destacável. Portanto, o presente artigo pretende apresentar o ponto de vista de Karl Rahner quanto à noção de cristão anônimo, pois é da convicção dele que em virtude da vontade salvífica universal, a graça de Deus deve ser acessível a todos os seres humanos nas suas respectivas culturas e religiões. A sua contribuição exerceu um papel pioneiro na reflexão teológica da Igreja Católica sobre o valor das outras tradições religiosas no desígnio salvífico de Deus. A noção de 'cristão anônimo' rompeu com a visão exclusivista que predominava desde a era medieval.

Palavras-Chave: Karl Rahner. Cristão anônimo. Cultura. Religião.

ANONYMOUS CHRISTIAN: AN ANALYSIS OF THE SALVIFIC ACTION OF GOD IN A WORLD FRAUGHT WITH DIFFERING RELIGIONS AND CULTURES IN THE LIGHT OF KARL RAHNER'S THEOLOGY

Abstract: The question of salvation for non-Christians became a controversial issue for 20th-century theology, involving several theologians, among them Karl Rahner, who holds a prominent position. Therefore, the present essay intends to present Karl Rahner's viewpoint on the notion of anonymous christian, since it is his conviction that in virtue of the universal salvific will, God's grace should be accessible to all human beings in their respective cultures and religions. His contribution played a pioneering role in the Catholic Church's theological reflection on the value of other religious traditions in God's saving design. The notion of the 'anonymous Christian' broke with the exclusivist vision that had prevailed since the medieval era.

* Mussá Maria Cossa é graduado em Filosofia pela The Catholic University of Eastern Africa (CUEA). O autor é graduando em Teologia pela Faculdade Palotina – FAPAS em Santa Maria, RS, Brasil e é estagiário atuando na Faculdade Palotina, no Colégio Pallotti Antônio Alves Ramos, na Gráfica Pallotti e no Centro Social e Cultural Vicente Pallotti em Santa Maria. E-mail: mussa.cossa@yahoo.com/ mussa.cossaa@gmail.com

** Mercio José Cauduro é doutor em teologia sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e atualmente integra o corpo docente da Faculdade Palotina (FAPAS) como professor do Curso de Teologia. E-mail: merciocauduro@terra.com.br

Keywords: Karl Rahner. Anonymous Christian. Culture. Religion.

Considerações iniciais

Fazer uma análise do efeito da graça de Deus em diferentes religiões e culturas é mais desafiador do que trazer argumentos apoloéticos em detrimento às outras religiões. Hoje a Igreja interpreta o axioma *extra ecclesiam nulla salus* – fora da Igreja não há salvação – de um modo diferente. Como prova disso, ela procura fazer um diálogo de abertura e acolhimento com as outras religiões nas suas devidas culturas e realidades. Portanto, o objetivo principal deste artigo é expor a noção de ‘cristão anônimo’ desenvolvida por Karl Rahner¹. Para efetivar este propósito, e por questões metodológicas, o presente ensaio está dividido em três partes. A primeira abordará a questão da autocomunicação de Deus nas várias culturas e religiões. A segunda desenvolverá a questão do inclusivismo religioso na ótica de Rahner; e a última seção explicitará a possibilidade de salvação para o cristão anônimo inserido em diversas culturas e religiões. O método utilizado nesta pesquisa é exclusivamente bibliográfico, tendo como base alguns escritos de Rahner, bem como alguns comentários de especialistas em sua teologia.

A noção de cristão anônimo não é uma doutrina que Rahner pretende introduzir na Igreja, mas uma reflexão teológica que desafia todos os cristãos a repensarem a imagem de Deus que possuem, principalmente quando se trata

¹ Karl Rahner nasceu na conhecida cidade alemã de Friburgo de Brisgóvia, aos 5 de março de 1904. Após a conclusão dos seus estudos secundários, ingressou na Companhia de Jesus, cursando filosofia na universidade da sua cidade natal. Ali teve ocasião de ouvir as preleções de Martin Heidegger, que então iniciava sua filosofia própria. Vários autores indicam que este contato com Martin Heidegger “teve certamente uma influência tremenda em Karl Rahner, pois que a preocupação existencialista é, sem dúvida, uma das componentes da sua teologia” (ASSMANN, 1969, p. 6). Foi ordenado sacerdote em 1932. No ano de 1936, em Innsbruck, Áustria, doutorou-se em teologia e logo, na mesma cidade, começou a sua atividade como docente e escritor de teologia. Rahner é autor de várias obras das quais se destacam *Geist in Welt* – O espírito no mundo, *Hörer des Wortes* – Ouvintes da Palavra, *Sendung und Gnade* – Missão e Graça, *Grundkurs des Glaubens* – Curso Fundamental da Fé, bem como os 23 volumes de seus *Schriften zur Theologie* – Escritos de Teologia (MONDIN, 1979, p. 98-99).

da salvação dos não cristãos. Por consequência, neste artigo não se pretende oferecer respostas a perguntas relacionadas à salvação dos não cristãos, mas refletir sobre quão misteriosa e incompreensível é a graça de Deus revelada em Jesus Cristo.

1 A autocomunicação de Deus nas várias culturas e religiões

A Igreja crê e ensina que por amor à humanidade Deus se revelou voluntariamente na história da salvação de uma forma concreta, próxima, presente e atual, como uma mãe se apresenta progressivamente a uma criança recém-nascida. Esta revelação progressiva de Deus na história da economia da salvação possibilitou que se percebesse que, por mais que Ele se revele ao ser humano, Deus sempre permanece um Mistério incompreensível e inabarcável. É por isso que Rahner, referindo-se à Trindade, reconhece que falar de Deus é falar de um “Mistério Absoluto, que nem sequer após sua revelação se pode compreender internamente” (RAHNER, 1972, p. 312). Deste modo, chega-se à conclusão de que esta revelação encontra o seu clímax no Deus-homem Jesus Cristo, o Filho de Deus que se encarnou e assumiu a condição humana. Desde então, Deus não se revela mais como um Ser distante e indiferente à vivência e à cultura do homem. Pelo contrário, ele comunica a sua própria natureza divina numa realidade não-divina e familiar ao ser humano no contexto em que se encontra inserido.

A autocomunicação divina significa, portanto, que Deus pode comunicar sua própria realidade a uma realidade não-divina, sem que deixe de ser a realidade infinita e o mistério absoluto e sem que o homem deixe de ser o ente finito e distinto de Deus que é. Mediante esta autocomunicação não se suprime nem se nega o que antes dissemos quanto à presença de Deus como o mistério absoluto que, por natureza, não se pode abranger por meio de conceitos (RAHNER, 1989, p. 149).

Deus não é absorvido nos conceitos e nas verdades estipuladas pelo ser humano ao longo da história. Ele ultrapassa toda a ciência e sabedoria definidas pelo ser humano. Ele é o Mistério Absoluto e em virtude disso, ele só se faz compreender na medida que o ser humano se reconhece inferior à grandeza do Mistério revelado na história da salvação. Por isso, já se torna claro que a revelação de Deus não pode se dar num único povo e muito menos numa única cultura. O ser humano, tendo sido criado e inserido em diversas realidades e culturas, torna-se aquele que recebe a autocomunicação de Deus não de uma maneira homogênea em todas as culturas, mas diferenciada. Por isso é importante notar que, falar da autocomunicação de Deus em diversas culturas, na perspectiva de Karl Rahner, é falar da atuação superabundante da graça de Deus na história de cada cultura. Ou seja, a autocomunicação de Deus em Rahner consiste numa autocomunicação ontológica de Deus.

Ao falarmos de “autocomunicação” de Deus, que não se entenda esta palavra no sentido de que Deus, em uma revelação, falasse algo *sobre si* mesmo. O termo “autocomunicação” visa propriamente a significar que Deus se torna ele mesmo em sua realidade mais própria como que um constitutivo interno do homem. Trata-se, pois, de autocomunicação *ontológica* de Deus. [...] Uma autocomunicação de Deus, como mistério pessoal e absoluto ao homem enquanto ser de transcendência, implica inicialmente uma comunicação a ele enquanto ser espiritual e pessoal (RAHNER, 1989, p. 145-146).

Esta autocomunicação de Deus, como indicamos acima, é na ótica de Rahner um ato absolutamente gratuito e indevido ao ser humano. É uma expressão do amor gratuito e imerecido de Deus ao ser humano que é finito, infiel, limitado e pecador. Esta autocomunicação amorosa ao ser humano produz um efeito transformador no constitutivo mais íntimo da própria pessoa. Substanciando o mesmo ponto de vista, Salvati comenta que

A autocomunicação, como escreve K. Rahner, produz efeitos divinizadores no existente finito a que se dirige, efeitos esses que, por serem determinações de um sujeito divino, devem ser por sua vez concebidos como finitos e criados. A autocomunicação, na qual é ao mesmo tempo doador, dom e fundamento da aceitação do dom, tem um caráter de absoluta gratuidade, é 'indébita', embora tenha como destinatário um ser (a pessoa) que, por vontade de Deus está 'aberto' a ela. Disso se segue que a autocomunicação possui também um caráter universal, o que significa que a pessoa é potencial destinatária dela (2003, p. 63).

Portanto, trata-se de uma manifestação voluntária de Deus na vida e na cultura do ser humano sem nenhuma distinção de classe, povo ou religião². Por isso, esta manifestação amorosa e gratuita da parte de Deus faz com que o homem olhe para o Altíssimo como o princípio interno e objeto da realização da sua própria existência. Em outras palavras, a cultura e a vida do homem se autorrealizam em Deus. A única questão que pode ser levantada consiste em saber qual é a imagem de Deus que os povos possuem nas suas culturas particulares. Será que o Deus revelado a partir de Jesus Cristo corresponde a essas imagens presentes nas outras religiões e culturas? Esta questão nos acompanhará como pano de fundo para fundamentar como Deus tem se revelado nas culturas não cristãs.

Karl Rahner admite a existência de um conhecimento anônimo e atemático de Deus que, mesmo sendo um conhecimento irreligioso, habita a dimensão existencial humana. Independentemente da cultura ou das ideologias que orquestram a vida do homem, Deus em sua plenitude deixa um vazio no ser humano para poder comunicar-se a si mesmo e preencher livremente o vazio da

² O ponto crucial que se pretende sublinhar é que o homem é evento da absoluta autocomunicação de Deus no sentido pleno e ontológico. Tal é a experiência transcendental da pessoa humana para a qual Deus concede a própria autocompreensão no mistério a ser desvelado. E este conhecimento é para todos os homens, sem distinguir os cristãos dos não cristãos, embora tenhamos consciência de que isto não quer dizer que todos, em sua liberdade e graça, acolham a comunicação de Deus. A ontologia que aqui referimos é “[...] o misterioso processo em que os critérios primeiros se evidenciam como escapando a toda medida, e o homem reconhece aí que é ele quem é medido” (RAHNER, 1989, p. 83).

existência humana. Neste caso, o ser humano torna-se evento da absoluta indulgente autocomunicação de Deus³. Não há nada de mais evidente para Rahner, ainda que incompreensível, do que este mistério. Trata-se de um mistério que é horizonte infinitamente longínquo, mas também proximidade acolhedora e isto é o que conhecemos como graça divina. Para Rahner

[...] a pessoa que se abre à sua experiência transcendental do mistério santo faz a experiência de que este mistério não somente é o horizonte infinitamente longínquo, o julgamento indisponível que julga a distância sobre o seu mundo de coisas e de pessoas e sobre sua consciência, não é somente algo de misterioso que o espanta e afugenta para os estreitos confins de sua vida cotidiana, mas também faz a experiência de que esse mistério santo é proximidade acolhedora, a intimidade que perdoa, o seu próprio lar, que ele é o amor que se comunica, algo de familiar em que se pode buscar abrigo na fuga à estranheza vazia e ameaçadora de sua própria vida (1989, p. 163).

Deste modo, entende-se que a graça manifestada nos indivíduos inseridos nas religiões e culturas particulares não é algo que advém deles, e nem tão pouco oferecem o seu consentimento para que ela opere, mas uma vez que foi dada, torna-se familiar e passa a habitar as suas vidas particulares. Aliás, antes mesmo que o ser humano se disponha a buscar o mistério de Deus, é este mesmo Mistério que se manifesta como um dom gratuito⁴. Trata-se de uma atmosfera existencial de todos, que expressa a universalidade da graça como oferecimento à toda a humanidade (TEIXEIRA, 2004, p. 58).

Resumindo, nesta primeira seção podemos afirmar que ao falar da autocomunicação de Deus, Rahner a entende como automanifestação na vida de

³ Isto significa que Deus está presente para o homem em sua absoluta transcendentalidade não só como o absoluto, sempre distante e radicalmente remoto o qual o homem capta apenas assintoticamente, mas também ele se doa a si mesmo em sua própria realidade de um modo concreto nas pequenas ações diárias que o homem vivencia (RAHNER, 1989, p. 149).

⁴ “Isso significa também que essa autocomunicação de Deus à criatura deve necessariamente se entender como ato da mais alta liberdade de Deus. Ato de ele abrir-se em sua intimidade última e em amor absoluto e livre” (RAHNER, 1989, p. 153).

toda pessoa, povo, cultura ou religião, permanecendo realidade infinita e misteriosa, embora ofereça, pela infusão do seu Espírito, todos os dons necessários para que se torne conhecido pelo ser humano.

2 Inclusivismo religioso em Karl Rahner

De acordo com a fé cristã, Jesus Cristo se fez homem e Salvador Absoluto de toda a humanidade graças à sua encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição. Sendo assim, Ele é a revelação definitiva de Deus na história da humanidade⁵. Na sua infinita bondade e misericórdia Deus se fez igual ao gênero humano assumindo a sua condição, menos no pecado (Hb 4,15), a fim de que, através do seu Filho, todos O conhecessem e fossem salvos incondicionalmente. Este fato implica que pelo autoesvaziamento voluntário de Deus em Jesus Cristo, toda a humanidade recebeu uma graça incomparável de uma vez por todas na história da salvação. Por isso, o evento da encarnação do Verbo de Deus é o momento intrínseco e necessário na reconciliação universal de toda a humanidade com Deus.

Por diversas razões que surgiram ao logo da história, algumas vezes por razões apologéticas contra as heresias do tempo, autoridades da Igreja chegaram a afirmar, embora não categoricamente nem de modo definitivo, que fora da Igreja não havia salvação⁶. Esta afirmação tornou-se mais conhecida como o axioma *extra ecclesiam nulla salus*. É extremamente importante observar

⁵ Rino Fisichella explica que o ponto mais alto da revelação é a crística. A revelação da palavra se fez ‘carne’ e o alfabeto de Deus toma corpo na linguagem de Jesus de Nazaré. Esta revelação, como indica a *Dei Verbum* no n. 4, deve ser considerada ‘definitiva’ e ‘completa’ porque, em Jesus, Deus diz tudo o que, no seu mistério de amor, queria comunicar à humanidade. A revelação que Jesus realiza é definitiva porque nele o mistério de Deus se torna conhecido, pois Ele manifesta que Deus é Pai, Filho e Espírito. Esta revelação só podia ser feita apenas por Ele, que partilha com Deus a mesma natureza (2003, p. 664).

⁶ Dado que este tema é bastante discutido entre os teólogos, fizemos a opção por não o desenvolver, pois não faz parte do intuito deste artigo. Seja como for, será de proveito consultar DH, n. 2865 e 2867.

desde já que quando surgiu pela primeira vez este axioma não era uma teoria geral para os não cristãos e nem uma advertência para aderir ao cristianismo, mas um aviso dirigido àqueles a quem a mensagem de Cristo foi anunciada, que foram batizados e que corriam o risco de novamente separar-se da fé e da unidade da Igreja (KASPER, 2012, p. 161)⁷. É por este motivo que Rahner, mantendo a fidelidade à Igreja e às suas resoluções ao longo da história, insiste que não se pode negar o papel salvífico das outras religiões com base nas limitações e aberrações que nelas podem ser encontradas (SULLIVAN, 1999, p. 206).

Dado que alguns pensadores no decurso da história da reflexão teológica cristã católica aplicaram este axioma para referir também às outras religiões, Rahner chega à conclusão de que a visão desses teólogos se fundamenta na famosa posição exclusivista, na qual as outras religiões são vistas como detentoras de respostas confusas e distorcidas da realidade divina. A posição exclusivista defende que Cristo é a verdade exclusiva, e as outras religiões e suas figuras centrais devem ser consideradas falsas. Em contrapartida, Rahner introduz a visão inclusiva na qual se propõe que “tudo o que de verdadeiro e de bom se encontrar nas religiões deve ser considerado incluído e superado em Cristo e no cristianismo” (DHAVAMONY, 2017, p. 672).

Considerando que o próprio cristianismo se funda e floresce dentro da cultura num dado tempo e espaço, na ótica de Rahner não é plausível que o cristianismo ou qualquer outra religião se autoafirme como a única detentora da verdade e como o único viés da salvação. Segundo ele

⁷ Para aprofundar a compreensão deste tema, dentre outras fontes, veja-se: SULLIVAN, 1999, p. 193-217; O'DONNELL; PIÉ-NINOT, 2001, p. 429-432.

O cristianismo é uma *religião cultural*. Por mais que o próprio cristianismo faça remontar seus antecedentes históricos e sua pré-história, enquanto história da salvação operada por Deus, até os inícios da humanidade [...]; por mais que no culto, sobretudo, e na prática da vida religiosa, mantenha conscientemente elementos “arcaicos” e primitivos; ele é, no entanto, uma religião cultural na medida em que a sua própria essência abarca também outras coisas que só são possíveis num grau superior de cultura (RAHNER, 1976a, p. 36, tradução nossa)⁸.

Portanto, como pode-se notar, Karl Rahner traz a noção do cristão anônimo para justificar a presença e ação do Espírito nas outras religiões. Este ponto será tratado na íntegra na próxima seção. Por ora, basta ter claro que ele acreditava que nas outras tradições religiosas poder-se-ia encontrar um autêntico conhecimento e experiência de Deus, embora a sua plenitude só pode encontrar-se no cristianismo em virtude de Cristo ser o único mediador e revelador de Deus em plenitude (DV, n. 2). Rahner acredita que os benefícios gerados pela ‘união hipostática’⁹ ocorrida na encarnação são para a salvação de toda a humanidade, independentemente de suas convicções e práticas religiosas (NEDELEA, 2015). Aliás, ele mesmo afirma que Jesus está presente também nas religiões não cristãs, embora isso constitua um escândalo para os não cristãos devido à sua visão de Cristo limitada no espaço e no tempo. Rahner fundamenta a sua posição afirmando que

⁸ “El cristianismo es una *religión cultural*. Por más que el mismo cristianismo haga remontar sus antecedentes históricos y su prehistoria, en cuanto historia de la salvación operada por Dios, hasta los comienzos de la humanidad [...]; por más que en el culto, sobre todo, y en la práctica de la vida religiosa, mantenga conscientemente elementos ‘arcaicos’ y primitivos; él es, sin embargo, una religión cultural en cuanto que su propia esencia abarca también otras cosas que sólo son posibles en un grado superior de cultura”.

⁹ Este termo é usado para se referir à forma como Jesus Cristo tomou para Si a natureza humana, ao mesmo tempo permanecendo Deus. Ou seja, o termo denomina a união entre as duas naturezas na pessoa de Jesus Cristo: natureza divina e humana. É importante notar ainda que falar da união das duas naturezas não implica que elas se misturam. Em referência a esta união, o Concílio de Calcedônia declarou: “[...] um só e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigênito, reconhecido em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação, não sendo de modo algum anulada a diferença das naturezas por causa da sua união, mas, pelo contrário, salvaguardada a propriedade de cada uma das naturezas e concorrendo numa só pessoa e numa só hipóstase; não dividido ou separado em duas pessoas, mas um único e o mesmo Filho, unigênito, Deus Verbo, o Senhor Jesus Cristo, como anteriormente nos ensinaram a respeito dele os Profetas, e também o mesmo Jesus Cristo, e como nos transmitiu o Símbolo dos Padres” (DH, n. 302).

Tal “presença” de Jesus Cristo em toda a história religiosa humana e para todos os homens não pode ser negada nem descurada pelo cristão, se é que crê em Jesus como a salvação de *todos* e não opine que a salvação dos não-cristãos vem a ser operada por Deus e sua misericórdia sem nenhuma referência a Cristo, pressupondo-se apenas que esses não-cristãos sejam de boa vontade, mesmo que essa boa vontade nada tenha a ver com Jesus Cristo. Se, pois, deve haver uma presença de Cristo em toda a história da salvação, ela não poderá faltar onde o homem é concretamente religioso em sua história, na história da religião. Pois, ainda que a salvação ocorra e possa ocorrer onde esse agir salvífico não vem a ser tematizado de maneira expressamente religiosa (em toda decisão moral), seria contudo absurdo pensar que esse agir salvífico exista sempre e somente lá onde ele não é expressamente tematizado nem religiosamente objetivado (RAHNER, 1989, p. 368).

Com esta posição, Rahner procura ultrapassar o pessimismo salvífico que marcou a teologia pós-tridentina, sob a influência de Santo Agostinho. Segundo Faustino Teixeira, “a teologia pós-tridentina tendia a identificar o caráter explícito da fé com fé sobrenatural, daí sua grande dificuldade em aceitar a salvação daqueles que não se encontravam explicitamente ligados ao cristianismo” (2004, p. 60-61). É esta visão pessimista e exclusivista da salvação que Rahner combate insistindo na universalidade da graça como oferecimento que traz no seu íntimo o mistério do amor de Deus que ama a todos e que deseja que todos alcancem a salvação pelo conhecimento da verdade. Em virtude disso, Rahner acredita que as pessoas fiéis às outras religiões não cristãs recebem a salvação escatologicamente incorporada em Jesus Cristo pela vontade sobrenatural de Deus.

Desta maneira, Rahner fundamenta o seu argumento no desejo missionário de Cristo de salvar todos os homens na realidade histórica mediante a ação do Espírito. Ele acredita que as outras religiões, por mais que desconheçam a proposta de Cristo, possuem alguns elementos do conhecimento natural de Deus; também momentos sobrenaturais de graça. Por isso, em razão da presença da graça divina sobrenatural atuante nelas, essas

religiões podem ser reconhecidas como religiões legítimas detentoras de mensagem de salvação. Por isso tem se afirmado que

As religiões não cristãs podem ter significado positivo; não devem elas ser aprioristicamente consideradas como ilegítimas, ainda que mantenham muitos erros. Pelo fato de um seguidor de uma religião não cristã estar sob a influência da graça, deduz-se que esta realidade sobrenatural da graça deve encontrar-se nessa religião específica, em que a relação com o absoluto é o elemento específico e determinante. Todo o homem deve ter a possibilidade de tomar parte numa relação autêntica e salvífica com Deus (DHAVAMONY, 2017, p. 676).

Não considerar outras religiões como tais, seria uma contradição da própria mensagem do evangelho, bem como estar-se-ia limitando a atuação do Espírito na busca da realização da salvação da humanidade. Por isso, em Rahner as religiões não cristãs são também um acesso à salvação através da fé, esperança e amor¹⁰. Porém, isso não significa que as religiões não cristãs estejam posicionadas no mesmo nível que o cristianismo. Rahner sustenta esta ideia porque acredita que se uma religião não cristã não tivesse um significado positivo em termos da salvação de seus membros, isso significaria que ninguém poderia ser salvo fora do cristianismo, o que não se pretende afirmar, pois “uma religião não cristã pode ser o meio utilizado por Deus para comunicar-se com uma pessoa; existe, portanto, verdadeira mediação nessa religião, não pelo esforço humano, mas pelo uso que faz dela o Espírito Santo” (O’DONNELL; PIÉ-NINOT, 2001, p. 257)¹¹.

¹⁰ É importante levar em consideração que ao se afirmar que as religiões não cristãs têm o direito à salvação, não se está emitindo um juízo de valor, mas apenas para sublinhar que se atribui um valor positivo às religiões e o seu reconhecimento como mediações salvíficas para os seus membros enquanto desempenham esse papel de mediação salvífica pela graça sobrenatural de Deus. É por isso que Rahner afirma que “existe a possibilidade de fé sobrenatural na revelação em toda parte, ou seja, em toda a longitude e latitude da história da humanidade” (1989, p. 368).

¹¹ “Una religión no cristiana puede ser el medio usado por Dios para comunicarse con una persona; hay por tanto verdadera mediación en esa religión, no por el esfuerzo humano, sino por el uso que hace de ella el Espíritu Santo”.

Para a teologia atual, sem dúvida, uma das grandes questões a serem afrontadas não reside no fato de todos as pessoas não serem cristã no mundo. O núcleo da questão está em perceber a relevância da salvação que o cristianismo prega em relação à salvação dos que praticam as outras religiões. Deste modo, Rahner mostra como o desafio do pluralismo religioso nos dias de hoje provoca inquietude entre os teólogos e as pessoas de fé. Se a salvação ainda continua detida nos muros institucionais da Igreja,¹² podemos afirmar a partir do inclusivismo rahneriano que ainda não entendemos a atuação da graça sobrenatural nas religiões e nas diversas culturas.

3 A noção de 'Cristão Anônimo'

Para que se possa compreender e melhor valorizar a contribuição teológica de Karl Rahner à Igreja com a noção de 'cristão anônimo', é importante situar o seu ensino no contexto de diferentes abordagens no debate. Sempre que se aborda este tema, deve-se levar em consideração o fato de que este conceito foi desenvolvido num período em que as academias teológicas tentavam entender o impacto da graça santificadora na salvação das pessoas que eram membros das religiões não cristãs. A gênese da questão residia no fato de que, de um lado, a teologia fazia perceber nas suas reflexões que o desejo universal de Deus é que toda a humanidade seja salva e, de outro lado, sustentava-se na Igreja o axioma *extra ecclesiam nulla salus* formulado por Orígenes e aplicado por Cipriano¹³. Na tentativa de trazer um equilíbrio entre os dois polos, Karl Rahner introduz o conceito de 'cristão anônimo' para justificar a

¹² “A presença da verdade e do amor de Deus [...] não se reduz a uma instituição que nos fala de Deus, mas constitui uma realidade salvífica, na qual ser e agir já se encontram unidos [...]. Para ser meio da salvação, a Igreja é primeiramente fruto salvífico pois deve proclamar e testemunhar, por palavras e ações o que ela própria é e vive” (MIRANDA, 2013, p. 49-50).

¹³ “The axiom *extra ecclesiam nulla salus* (no salvation outside the Church), formulated by Origen and applied by Cyprian, became the traditional teaching of the Church. This was the standard position of the Catholic Church until Vatican II” (WONG, 1994, p. 611).

salvação das pessoas não cristãs pela ação da graça sobrenatural de Deus na humanidade. Embora o conceito tenha sido criticado severamente, dentro e fora da Igreja, reconhece-se que a visão de Karl Rahner foi uma das contribuições importantes para as resoluções do Concílio Vaticano II sobre o diálogo inter-religioso. Desde então, a teologia passou de uma visão exclusiva, como indicamos na seção anterior, para uma visão inclusiva sobre a graça de Cristo e a salvação dos não cristãos. Embora alguns teólogos discordaram da teoria e sustentaram uma visão pluralista,¹⁴ considerando a teoria de Rahner como arrogante e pretenciosa¹⁵, os ecos desta teoria continuam se fazendo sentir dentro da Igreja, principalmente no diálogo inter-religioso e no ecumenismo.

A noção de 'cristão anônimo' em Karl Rahner designa os indivíduos que vivem em estado de graça e de justificação em Cristo, embora não reconhecendo-o como Senhor e Salvador¹⁶. Segundo ele, estes indivíduos nunca tiveram contato com a mensagem ou pregação do Evangelho e como consequência não são batizados e não pertencem à nenhuma comunidade cristã (O'COLLINS, 2017, p. 144). Pode-se ainda sustentar que em virtude da ação da graça de Jesus Cristo em toda humanidade "a teoria de Rahner sobre os cristãos anônimos desenvolve-se para abarcar também aqueles que não têm contato real com nenhuma religião. Estes podem ter uma fé anônima que brota do amor

¹⁴ Dhavamony explica que esta visão olha para toda a religião como expressão adequada de sua própria cultura. Portanto, o cristianismo é a religião do ocidente, o hinduísmo é a religião da Índia e o budismo é a religião do sudeste da Ásia. Sendo a religião uma expressão adequada da própria cultura, ela pode ser relativizada epistemológica, doutrinal e teologicamente, gerando deste modo um espírito de aceitação do sincretismo religioso (2017, p. 671-672).

¹⁵ "Theologians have moved from an exclusive to an inclusive view regarding Christ and the salvation of non-Christians. But some have moved further into a pluralist view and consider Rahner's theory to be patronizing and superseded. Whereas the suitability of the term "anonymous Christians" may be questioned, I believe that Rahner's theory is open to further development" (WONG, 1994, p. 610).

¹⁶ "But we prefer the terminology according to which that man is called an 'anonymous Christian' who on the one hand has de facto accepted of his freedom this gracious self-offering on God's part through faith, hope, and love, while on the other he is absolutely not yet a Christian at the social level (through baptism and membership of the Church) or in the sense of having consciously objectified his Christianity to himself in his own mind (by explicit Christian faith resulting from having hearkened to the explicit Christian message)" (RAHNER, 1976b, p. 288).

e que, deste modo, os conduza à salvação eterna” (O'DONNELL; PIÉ-NINOT, 2001, p. 257, tradução nossa)¹⁷. Karl Rahner inicia o argumento afirmando a possibilidade de salvação daquelas pessoas que, devido a diversos aspectos culturais, sociais e políticos, não puderam ter acesso ou contato com a mensagem de Cristo. De acordo com O'Collins, a argumentação de Karl Rahner pressupõe o fato de que

Há milhões de homens para os quais a ocasião de conhecer a Deus e entrar em relação com Ele foi mediada pelo budismo, pelo confucionismo, pelo hinduísmo, pelo islamismo, pelas religiões tradicionais e por outras crenças. Toda vez e onde quer que seres humanos se abram a Deus com um ato de fé, Rahner reconhece neles cristãos anônimos, vale dizer, homens que ao menos implicitamente, aceitam uma vocação sobrenatural e, mesmo sem saberem, são capacitados pela graça de Cristo a abrir-se ao mistério de Deus (2017, p. 145).

Esta posição deve-se ao fato de que o homem em Rahner é espírito¹⁸ e um ser de transcendência,¹⁹ ou seja, o homem é um ser de abertura ilimitada ao mistério absoluto que é Deus. Por consequência dessa abertura ao mistério, Deus opera e realiza seu plano salvífico, manifestado por meio do seu Filho (1Tm 2,4), em todos os homens pertencentes às religiões não cristãs. Isto se explica pelo fato de que em Rahner a graça é um existencial sobrenatural. Segundo a explicitação do mesmo autor,

¹⁷ “La teoría de Rahner sobre los cristianos anónimos se desarrolla hasta abarcar también a los que no tienen contacto real con ninguna religión. Estos pueden tener una fe anónima que brote del amor y que, de este modo, los conduzca a la salvación”.

¹⁸ “O homem é o espírito que se percebe como tal à medida que não se experimenta como espírito *puro*. O homem não é a infinitude não-questionada, dada sem problematizações, da realidade. Ele é a pergunta que se levanta perante ele, vazia, mas de forma real e inevitável, e que ele nunca pode superar nem dar resposta adequadamente” (RAHNER, 1989, p. 46).

¹⁹ Quanto à temática do ser humano como ser transcendental, Trevisol explica que a pessoa é o ser de transcendência por causa da transcendentalidade de seu espírito. Ou seja, ele vivencia a transcendência como o ato de abertura ilimitada ao mistério infinito que é Deus. Pode-se afirmar que diante de Deus, o ser humano se localiza à margem do mar infinito do mistério. Tudo o que ele faz no mundo é apenas uma ilha diante desse infinito mistério. Por isso, deve-se procurar a existência e a atuação da graça de Deus em Jesus Cristo não no exterior, mas no interior, a partir da experiência transcendental da pessoa humana (2014, p. 7).

A graça, os benefícios sobrenaturais e as realidades que, baseados na graça, existem na vida humana eram concebidos, pelo menos antigamente, como realidades particulares e de alguma maneira regionais, que podem faltar até inteiramente no pecador e no não crente. Minha convicção teológica fundamental, ao contrário [...], é a de que o que nós chamamos de graça é, obviamente, uma realidade que é dada por Deus numa relação dialogicamente livre e, portanto, indevida e sobrenatural. Mas para mim a graça é ao mesmo tempo uma realidade que é dada *sempre* e por toda a parte no centro mais profundo da existência humana - feita de conhecimento e de liberdade -, à maneira de oferta, à maneira de aceitação ou de recusa, de tal modo que o homem jamais pode escapar desta característica transcendental de sua essência. Daqui deriva o que eu chamo de 'cristianismo anônimo'; daqui também deriva o fato de não ver eu nenhuma religião, seja ela de que tipo for, na qual não esteja presente também a graça de Deus, se bem que talvez de uma maneira represada e até corrompida. Daqui deriva aquele que denominei o momento transcendental da revelação histórica (RAHNER apud GIBELLINI, 2012, p. 230-231).

Para melhor entender como Rahner desenvolveu este conceito, é indispensável destacar as quatro teses que constituem os pilares do seu argumento. Ele inicia a primeira tese destacando o fato de que ela representa a base fundamental da fé cristã na compreensão teológica das outras religiões. Referindo-se a ela, Rahner faz um resgate histórico-teológico e constata que “[...] o cristianismo se entende a si mesmo como a religião absoluta, destinada a todos os homens, que não pode reconhecer qualquer outra religião para além dela própria como de igual direito” (2003, p. 129, tradução nossa)²⁰. Dado que o cristianismo não surgiu com a criação do homem no Gênesis, mas com a revelação de Deus em Jesus Cristo, fato este que aconteceu muitos anos após a criação, não se pode limitar a ação salvífica de Deus somente depois de Cristo. O contrário disso seria uma limitação da compreensão do valor das outras

²⁰ “[...] el cristianismo se entiende a si mismo como la religión absoluta, determinada para todos los hombres, que no puede reconocer junto a sí ninguna otra con igualdad de derechos”.

religiões que precederam o cristianismo e serviram como meios de santificação e salvação de muitas pessoas. Por isso, o autor quer deixar claro que, enquanto magnitude histórica, o cristianismo tem um início espacial, temporal e pontual em Jesus de Nazaré e no evento irrepetível da salvação, a saber, a cruz e o túmulo vazio em Jerusalém, e este fato não implica a ausência da ação salvífica de Deus antes da instauração do cristianismo como religião (RAHNER, 2003, p. 130-131).

A segunda tese é dividida em duas partes. Nesta tese o autor quer evidenciar antes de tudo que, *a priori*, é bem possível supor que existam elementos sobrenaturais e cheios de graça em religiões não cristãs. Porém, ao mesmo tempo, “isso não significa, evidentemente, que todos os elementos de uma concepção politeísta do divino, e todas as outras aberrações religiosas, éticas e metafísicas contidas nas religiões não-cristãs, sejam ou possam ser tratadas como inofensivas, seja em teoria ou na prática” (RAHNER, 1966, p. 121-122, tradução nossa)²¹. Por essa razão, tem havido protestos constantes contra esses elementos ao longo da história do cristianismo e de sua visão em relação às práticas das religiões não cristãs. A segunda parte da tese pretende destacar a presença da ação da graça divina nas outras religiões baseando-se no inquestionável desejo salvífico de Deus ‘que todos os homens sejam salvos’. Por isso, o autor deixa claro que para ele

[...] uma religião não cristã (também não mosaica) contém não apenas elementos de um conhecimento natural de Deus, misturados com o pecado original e outras depravações humanas que dele decorrem, mas [contém] momentos também sobrenaturais pela graça que, por causa de Cristo, é concedida ao homem por Deus, podendo, por isso mesmo, sem negar nela erro e depravação, ser reconhecida, ainda que em graus

²¹ “It does not mean, of course, that all the elements of a polytheistic conception of the divine, and all the other religious, ethical and metaphysical aberrations contained in the non-Christian religions, are to be or may be treated as harmless either in theory or in practice”.

diversos, como uma religião *legítima* (RAHNER, 2003, p. 133, tradução nossa)²².

Como consequência desta convicção teológica, Rahner chega à conclusão de que afirmar que a salvação oferecida em Cristo é exclusivamente reservada aos cristãos seria um equívoco na reflexão da teologia dogmática, pois Deus deseja a salvação de todos os seres humanos. Neste sentido, a vinda de Cristo ao mundo não deveria, em nenhuma hipótese, ser interpretada como algo reservado para uma classe exclusiva dos que o seguem, mas como um ato misericordioso que tem por objetivo a deificação do gênero humano. Cristo, ao assumir a carne humana, eleva para Deus todo o gênero humano e conseqüentemente a graça por ele concedida se destina para todos os seres humanos. Efetivamente, para Rahner, a salvação que Deus concedeu à humanidade por meio de Jesus Cristo é uma graça sobrenatural que deifica o homem, e marca uma continuidade da ação salvífica de Deus que beneficia não só os homens que conheceram Jesus Cristo, mas também todos aqueles que viveram há milhares de anos antes de sua vinda (RAHNER, 2003, p. 134).

A terceira tese constitui o núcleo central da sua proposta como teólogo. Aqui, Rahner deixa bem claro o seu ponto de vista em relação à evangelização dos povos não cristãos. Para ele, a proclamação do Evangelho no sentido explícito e objetivo não transformam alguém absolutamente abandonado por Deus em um cristão, mas transforma um cristão anônimo em um homem que reconhece esse cristianismo na profundidade de sua essência segundo a graça agora também de modo reflexo e objetivo, e em uma confissão socialmente constituída, isto é, a Igreja. Neste sentido, a transformação deste indivíduo torna-

²² “[...] una religión no cristiana (fuera también de la mosaica) contiene no solo elementos de un conocimiento natural de Dios, mezclados con pecado original y otras depravaciones humanas que de él se siguen, sino momentos también sobrenaturales por la gracia, que a causa de Cristo le es otorgada al hombre por Dios, pudiendo por esto mismo, sin que se nieguen en ella error y depravación, ser reconocida, si bien en graduación diversa, como religión *legítima*.”

se um fragmento no processo de formação e amadurecimento de sua fé. Em virtude dessa transformação não depender exclusivamente do esforço individual, mas da Graça de Deus, Rahner a considera como uma fase superior de desenvolvimento exigida a partir da sua adesão explícita à proposta de Deus nos critérios da nova religião a que adere (RAHNER, 2003, p. 143-144).

Como se pode notar, isto se torna uma revolução de todo o pensamento exclusivista da época, pois para Rahner o encontro do cristianismo com as religiões não cristãs, por meio da pregação do evangelho, torna-se algo tremendamente sagrado. Isso porque para ele seria falso ver no pagão um homem que, até então, não teria sido tocado pela graça e verdade de Deus de forma nenhuma. Para Rahner, estas pessoas possuem sementes da graça, embora não as tendo ainda cultivado em plenitude, vivem uma experiência transcendental da graça de Deus. Neste caso, a experiência transcendental da graça possibilita uma revelação no horizonte *a priori* de todas as vivências espirituais. Por este motivo, a graça supernatural existencial antecede o ato missionário de evangelizar, pois o ser humano, em determinadas circunstâncias, já acolheu esta graça na aceitação da amplidão inabarcável e aberta ao infinito de sua existência mortal como a sua última e insondável enteléquia (RAHNER, 2003, p. 143).

Na última tese, Rahner expõe a razão pela qual desenvolveu o conceito em discussão. Ele deixa evidente nesta tese que não estava preocupado com o que as outras religiões pensariam desta noção, pois elas não constituem o núcleo central do assunto e nem são os destinatários do argumento. O centro da questão em debate é a visão do próprio cristão em relação às outras religiões. É por isso que ele admite que para o não cristão esta ideia pode até parecer pretensiosa, pois os cristãos não deveriam se preocupar em procurar chamar de cristãos pessoas que nem pensaram que existia a religião cristã. Porém, segundo

ele, o cristão não pode renunciar a esta 'pretensão', a qual expressa um ato de humildade tanto do cristão quanto da Igreja, pois assim procedendo, admitirá o fato de que Deus é maior do que o ser humano e a Igreja. Portanto, estando a Igreja consciente da grandeza deste incompreensível Mistério da graça, sairá ao encontro do não cristão com a mesma atitude com que Paulo anunciou ao dizer: aquele que não conheceis e, no entanto, adorais, isto eu vos anuncio (At 17,23; RAHNER, 2003, p. 145-146).

Com efeito, pode-se notar que de acordo com a tese do 'cristão anônimo', todo homem, enquanto homem, não abstratamente considerado em sua pura natureza humana, mas concretamente considerado na ordem histórica da economia da salvação, pode ser cristão anônimo, embora não sendo cristão explícito. Como afirma Gibellini, inspirando-se na teologia de Rahner, Deus quer a salvação de todos, e graças a essa vontade salvífica universal, é oferecida a possibilidade da salvação até aos não cristãos (2012, p. 232). Por isso é importante ter claro que

A teologia do cristianismo anônimo é uma resposta à pergunta que o cristão, e só ele, pode e deve colocar-se sobre a possibilidade de salvação dos outros e nunca foi concebida por Rahner como um instrumento apologético. Mas como crente cristão, devo perguntar-me se sou um desses poucos "escolhidos" por Deus[...] ou se aquilo em que acredito e espero é também acessível a outros (O'DONNELL; PIÉ-NINOT, 2001, p. 257-258, tradução nossa).²³

Com esta afirmação, fica nítido que a tese do 'cristão anônimo' não deve ser usada em sentido apologético para atribuir a outras pessoas a fé que elas ignoram ou não a desejam; mas somente como um argumento que torna

²³ "La teología del cristianismo anónimo es una respuesta a la pregunta que el cristiano, y *solo* él, puede y debe plantearse acerca de la posibilidad de salvación de los demás y no ha sido nunca concebido por Rahner como instrumento apologético. Pero como creyente cristiano, debo preguntarme si soy uno de esos pocos 'elegidos' por Dios... o si aquello en lo que creo y espero es también accesible a otros".

compreensível, a nível teológico, a possibilidade da salvação também para os não cristãos. Neste caso, a tese do cristão anônimo é apenas um instrumento proposto por Rahner para quem professa explicitamente o cristianismo, para que possa compreender que todo homem, mesmo se não é batizado, mesmo sendo ateu, pode alcançar a salvação. O aspecto fundamental para a sua salvação é a aceitação ativa da graça na sua vida no sentido positivo da existência, o que lhe faria de certa forma um cristão anônimo e merecedor dos frutos da economia da salvação (NEDELEA, 2015).

É conveniente também observar que, por esta tese, Rahner não tem a intenção de desmerecer a necessidade da pregação e da celebração dos sacramentos como meios de salvação, mas enfatizar que a graça da salvação, que em Cristo foi concedida, ultrapassa barreiras institucionais e ideológicas. Por Cristo, com Cristo e em Cristo toda humanidade é santificada e por meio da sua graça todos podem ser salvos.

Como já foi indicado anteriormente, esta tese foi criticada por vários teólogos cristãos e não cristãos, pois na ótica destes pensadores, esta noção pode provocar o esmorecimento do impulso missionário, ou seja, não se veria mais a necessidade da evangelização dos povos se todas as pessoas podem salvar-se pela ação da graça dispensada em Cristo sem conhecê-lo. Porém, é importante entender que Rahner pretende indicar com esta tese como o Evangelho pode chegar a uma plena realização, ou como a realidade da graça pode alcançar até os que não acreditam nela, pois, como afirma Gibellini, “a graça continua a ser indevida e gratuita, e portanto é sobrenatural; mas é *sempre* dada ao homem à maneira de oferta; e sempre, com o próprio exercício da vida, é aceita ou recusada pelo homem, de forma a constituir *de facto* uma *permanente* determinação do ser do homem” (2012, p. 231). Alguns teólogos não cristãos afirmam que esta tese impõe o cristianismo a todas as outras religiões

menosprezando o valor dos seus ícones. Por isso, afirmavam eles que a tese não se distanciava do axioma *extra ecclesiam nulla salus*, pois tudo ainda se centralizava em Cristo. Para complicar mais ainda, eles atestam que esta tese é uma anexação indevida de outras crenças e ideologias. Salientando o mesmo aspecto, O'Collins destaca que

No diálogo inter-religioso, este discurso de Rahner sobre os 'cristãos anônimos' nem sempre foi bem acolhido. Com efeito, parece que ele não se preocupa suficientemente com a peculiaridade das fés, das práticas e das experiências das religiões não cristãs. Levou seguidores de outras fés a falar dos cristãos como 'hindus anônimos' ou 'muçulmanos anônimos' (2017, p. 145).

Como considerações finais para esta seção, torna-se de fundamental importância destacar que a tese referente ao cristão anônimo em Rahner é uma tentativa de defender a singularidade e a necessidade da graça de Cristo na possibilidade real de salvação para todas as pessoas²⁴. Vimos que esta tese despertou várias críticas, tanto que “alguns autores, como Hans Urs von Balthasar, Henri de Lubac e o próprio Joseph Ratzinger questionam a tese tendo em vista o receio de que a mesma acabe tornando supérfluo o dinamismo missionário e apagando a novidade radical trazida pelo cristianismo” (SILVA, 2013, p. 243). Porém, Rahner pergunta: “porventura não precisamos admitir que, com nossas hesitações e tardanças, estamos correndo atrás do tempo, obrigados a reconhecer os fatos pouco a pouco? Em suma, onde está o sopro do Espírito em nossa Igreja – poderoso, destemido, renovador, ‘seguro de si?’” (2018, p. 27). Caso pretenda-se perceber o dinamismo do Espírito, cabe aos teólogos afrontar as questões difíceis e complexas concernentes à economia da

²⁴ “La idea de los ‘cristianos anónimos’ la encontramos en el intento de K. Rahner de defender la unicidad y necesidad de Cristo admitiendo al mismo tiempo, con el Vaticano II, la posibilidad real de salvación para todas las personas” (O'DONNELL; PIÉ-NINOT, 2001, p. 257).

salvação, mesmo que, por vezes, sejam incompreendidos ou até mesmo acusados de ser hereges. Seja como for, a Igreja precisa de figuras como Rahner para atualizar o modo de compreender quão grande e inabarcável é a ação de Deus no ser humano.

Considerações finais

Tratando-se da noção de 'cristão anónimo' na ótica de Karl Rahner, fica evidente que o pressuposto filosófico que permeia o seu argumento estabelece que as pessoas que estão fora da unidade social da Igreja ou das demais Igrejas cristãs e que não foram alcançados pela mensagem explicitamente cristã, podem estar vivendo de tal forma que a sua incapacidade de abraçar o cristianismo não signifique qualquer culpa pessoal aos olhos de Deus, e em virtude disso, serem justificadas pela graça de Deus em Jesus Cristo (RAHNER, 1976b, p. 282). Deste modo, Rahner olha para estas pessoas não como "pagãos", mas como pessoas que vivem sob o influxo da graça de Cristo através da fé, esperança e amor, embora não tenham conhecimento explícito do fato de que a sua vida era orientada pela graça dada por meio de Jesus Cristo (RAHNER, 1976b, p. 283).

Como pôde-se notar, a reflexão de Karl Rahner, quanto à esta temática, se apresenta como uma possibilidade de resposta cristã quanto ao aspecto da salvação dos indivíduos não cristãos pertencentes a tantas outras religiões existentes no mundo. O pensador em causa, sendo um 'revolucionário no labor teológico', toma uma posição diferente da visão tradicional 'eclesiocêntrica' e exclusivista. Ele opta por uma visão cristocêntrico-inclusiva, defendendo a possibilidade de salvação para todos, independentemente da sua religião ou cultura.

É de extrema importância ter claro que com esta afirmação o autor não quer dizer que em outras religiões a salvação seja possível sem o auxílio da graça derramada a partir de Jesus Cristo. Para Rahner, não há outra graça salvadora senão a de Cristo, da qual a Igreja é a presença histórica e concreta no mundo. Portanto, embora as outras religiões se beneficiem da graça redentora e salvadora de Cristo sem a Ele terem aderido, o cristianismo torna-se em virtude da graça, a religião absoluta destinada à toda a humanidade (SULLIVAN, 1999, p. 203). Quanto a nós, pergunta Rahner, como cristãos, podemos acreditar, mesmo por um momento, que a massa avassaladora dos nossos irmãos, não apenas aqueles que vieram antes da vinda de Cristo, do passado mais remoto da história (cujos horizontes estão sendo constantemente ampliados pela paleontologia), mas também os do presente, que por diversas razões não conhecem na íntegra a proposta de Cristo, são inquestionavelmente excluídos da sua autorrealização e condenados à eterna insignificância (RAHNER, 2007, p. 486)?

Como salientou-se durante a exposição, é importante compreender que o presente artigo não consiste em uma apologia para justificar a superioridade do cristianismo diante das outras religiões, mas somente como um argumento que torna compreensível, a nível teológico, a possibilidade de salvação também para os não cristãos. Portanto, a presente tese é um dos métodos sugeridos para compreender a grandeza do mistério de Deus e a inimaginável abrangência que a graça de Cristo possui para a humanidade. Em poucas palavras, esta noção visa compreender que em Cristo existe a possibilidade de todo o ser humano (mesmo não batizado ou ateu) salvar-se. Basta que ele aceite e viva o sentido positivo da existência.

Por fim, importa salientar que a teologia e o conceito de 'cristão anônimo' que Rahner empregou para descrever a situação daqueles que vivem em estado

de graça e de justificação, mesmo não tendo ainda chegado a um contato explícito com a pregação do evangelho (SEMERARO, 2003, p. 153), foi aceita no Concílio Vaticano II (LG, n. 16; GS, n. 22; AG, n. 7). A partir dela, a Igreja se desafiou e tem feito passos significativos e concretos na busca do diálogo inter-religioso, pois é já de concordância comum que “a história da salvação não acontece unicamente na dinâmica de sua explicitação religiosa, mediante o acontecimento da palavra, do culto e das instituições religiosas, mas realiza-se ‘onde quer que a história humana seja vivida e sofrida na liberdade’” (TEIXEIRA, 2004, p. 59).

Referências Bibliográficas

ASSMANN, Hugo. Introdução. In: RAHNER, Karl. **Antropologia e Teologia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1969. p. 5-12.

DENZINGER, Henrici. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

DHAVAMONY, Mariasusai. Teologia das religiões. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino (Dir.). **Dicionário de Teologia Fundamental**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. p. 670-677.

FISICHELLA, R. Revelação. In: PACOMIO, Luciano (Dir.). **Lexicon: Dicionário Teológico Enciclopédico**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 663-664.

_____. Cultura. In: PACOMIO, Luciano (Dir.). **Lexicon: Dicionário Teológico Enciclopédico**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 168-169.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

KASPER, Walter. **A Igreja Católica: Essência, Realidade, Missão**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

MIRANDA, Mario de França. Karl Rahner: da experiência de Deus à teologia. In: OLIVEIRA, Pedro Rubens F. de; TABORA, Francisco (Dir.). **Karl Rahner 100 anos: teologia, filosofia e experiência espiritual**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 29-53.

_____. A ação de Deus no mundo segundo Karl Rahner. **Anales de Teología**. Pontificia Universidad Católica de Rio de Janeiro, 2013, p. 33-57. Disponível em <<http://repositoriodigital.ucsc.cl/bitstream/handle/25022009/149/Mario%20de%20Fran%C3%A7a%20Miranda.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acessado em: 12 set. 2020.

MONDIN, Batista. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

NEDELEA, Jean. Christianity and non-Christian religions in Karl Rahner's vision. **Journal for the Study of Religions and Ideologies**. December 22, 2015. Disponível em <<https://www.thefreelibrary.com/Christianity+and+non+Christian+religions+in+Karl+Rahner%27s+vision.-a0439187477>>. Acessado em 23 de agosto de 2020.

O'COLLINS, Gerald. Cristãos anônimos. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino (Dir.). **Dicionário de Teologia Fundamental**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. p. 144-145.

O'DONNELL C.; PIÉ-NINOT S. **Diccionario de Eclesiología**. Madrid: San Pablo, 2001.

RAHNER, Karl. **Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1989.

_____. El Cristianismo y las religiones no cristianas. In: RAHNER, Karl. **Escritos de Teologia**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2003. v. 5. p. 125-146.

_____. Los cristianos anónimos. In: RAHNER, Karl. **Escritos de Teologia**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2007. v. 6. p. 485-493.

_____. Deus Trino, fundamento transcendente da história da salvação. In: FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. (Ed.). **Mysterium Salutis: Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica**. Petrópolis, Editora Vozes, 1972. v. 2. p. 283-359.

_____. Esencia del cristianismo. In: RAHNER, Karl. (Dir.). **Sacramentum Mundi**: Enciclopedia Teológica. Barcelona: Editorial Herder, 1976a. v. 2. p. 28-54.

_____. Observations on the problem of the 'Anonymous Christian'. In: RAHNER, **Theological Investigations**. New York: Seabury Press, 1976b. v. 14. p. 280-294.

_____. **Não extingais o Espírito**. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

SALVATI, G. M. Autocomunicação. In: PACOMIO, Luciano (Dir.). **Lexicon: Dicionário Teológico Enciclopédico**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 63.

SEMERARO, G.M. Cristãos anônimos. In: PACOMIO, Luciano (Dir.). **Lexicon: Dicionário Teológico Enciclopédico**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 153.

SILVA, Elioas Gomes da. O paradigma do inclusivismo religioso em Karl Rahner. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 235-244. jul./dez. 2013.

SULLIVAN, Francis. **Hay salvación fuera de la Iglesia?** Bilbao: Desclée De Brouwer, 1999.

TEIXEIRA, Faustino. Karl Rahner e as religiões. **Perspectiva teológica**. Belo Horizonte, v. 36, n. 2, p. 55-74. jul./dez 2004.

TREVISOL, Vilson. **O ser humano em Karl Rahner**: do transcendental ao pessoal. 2014. Tese (mestrado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

WONG, Joseph H. Anonymous Christians: Karl Rahner's pneuma-christocentrism and an East-West dialogue. **Theological Studies**. California, n. 55, p. 609-637. feb. /jul. 1994.